

Exequias del-rei D. Pedro v na cidade da Bahia

Desenho de Nogueira da Silva, segundo uma photographia — gravura de Pedroso

Não ha projecto ou feito, obra ou pensamento, que se encaminhe á felicidade, á exaltação de Portugal, a honrar e afamar os filhos d'esta boa terra, que não tenha por espontaneos auxiliares, por zelosos promotores, os nossos concidadãos residentes no hospitaleiro imperio do Brasil.

Se em todo o reino e seus dominios, a morte fatal do bondoso rei D. Pedro v foi pranteada do intimo d'alma, as manifestações de dor e saudade, que esta calamidade nacional causou aos portuguezes residentes n'aquelle venturoso imperio, não foram menos profundas, geraes e solemnes.

São já innumeraveis os officios funebres que, em todas as provincias do Brasil, mandaram celebrar os nossos concidadãos, pelo eterno descanço da grande alma do para sempre chorado monarcha liberal e illustrado. Mas de quantas exequias se fizeram alli, nenhuma excedeu em pompa, solemnidade e concurrencia, ás que mandou celebrar na egreja de Nossa Senhora da Piedade, dos capuchinhos da Bahia, a direcção da «*Sociedade portugueza de Beneficencia Dezeseis de Setembro*», fundada ha annos n'aquella cidade, no dia anniversario do natalicio do augusto principe cuja nobre alma tão grandiosamente suffragaram.

Antes porém de fazermos a narrativa d'esta lugubre acção religiosa, mitigaremos a tristeza que ella deve causar aos leitores, com a poetica e deliciosa descripção que da paradisiaca cidade da Bahia nos fez o mimoso classico, e insigne chronista da companhia de Jesus no estado do Brasil, Simão de Vasconcellos.

Note-se que elle escreveu, o que se váe ler, ha hoje duzentos annos. Se n'aquelle tempo a Bahia se lhe figurou um paraiso terreal, agora, que a successão de tantos annos a tem sobremodo engrandecido, quão melhorada e realçada a não devemos suppor!

Vejamos attentos a deliciosa pintura que o bom do padre nos faz da cidade da Bahia; e notem os principiantes da arte de escrever, como a nossa lingua é prestadia e galharda para o estilo descriptivo.

«A formosa e espaçosa Bahia de Todos os Santos é assim chamada, ou porque parece um paraiso onde habitam todos os santos, ou porque parece que todos os santos do paraiso influem n'ella alguma parte de suas qualidades.

E na verdade, não sei eu se haverá em todo o descoberto paragem mais accommodada para o commercio e habitação humana, que esta da Bahia e seus arredores (que tudo entra em Bahia), nem será facil descrevel-a eu como é.

Quanto ao mar, é a Bahia uma capacidade de aguas de muitas legoas (dão-lhe alguns doze de diametro com seus braços mais grossos, e por conseguinte de circunferencia trinta e seis). É estancia fiel para navios, abrigada dos ventos e tempestades do Oceano, dentro de uma barra de mais de duas legoas de largura (o que é limpo, fundo e navegavel), entrada se-

gura de galeões e naus da India, sufficiente para todas as armadas do mundo, entresachada de aprazíveis ilhas, umas grandes, outras pequenas, e tantas em numero, que se affirma passam de cento da barra para dentro, pela maior parte enriquecidas de fazendas dos moradores, formosas com graciosa variedade, em brancas praias, toscos penedos, verdes arredores, boqueirões, entradas e saídas que fazem bahias differentes, e enganam facilmente a vista umas com outras, dos que não tem experiencia. Está cercada quasi em contorno de terra firme, de cujo sertão vem a pagar tributo grandes rios, o da Praia, Matuim, Pernamenim, Seregipe, Paraguaçu, Jaguaripe, e outros que nascem d'estes, ainda que menores, não menos aprazíveis, e todos elles navegaveis. Vêem-se hoje todas estas bahias e margens de rios cercadas das ricas lavoiras da doce planta, canaviaes, já verdes, já loiros, quasi innumeraveis.

Porém o que mais admira, e faz todo este reconcavo mais proveitoso, é a providencia particular com que a natureza deu portos e commercio a todas estas lavoiras e fazendas, ajuntando a qualquer d'estes rios maiores, uma plebe numerosa de riachos e esteiros que mettem pela terra; de maneira que até a partes muito distantes e situadas no coração d'ella, foram buscar, como de proposito, estes riachos, todos navegaveis, para lhes darem porto e saída, com tão alegre confusão, que se não póde facilmente julgar se está aqui a terra no mar, se o mar na terra. Avultam entre todas as grandes fazendas os engenhos de assucar, machinas lustrosas, porque contém grandes officinas e grandiosas casarias de egrejas, moradas dos senhores, vigarios, lavradores, officiaes, serventes e escravos. E vem a ser estes engenhos em numero, quando isto escrevemos (1662), sessenta e nove, que representam outras tantas villas, e fazem aquelles arredores sobre maneira nobres e aprazíveis.

É notavel a facilidade do trato, commercio e serventia de todos estes moradores. São vistas aquellas bahias, rios, portos, boqueirões, entradas e saídas, continuamente cheios de velas, quaes grandes quaes pequenas, todas sem conto; os arrais brancos, os marinheiros pretos, fazem todo o serviço; escusam carros e cavalgaduras, e vem a fazer o commercio não só mui facil e abbreviado, mas proveitoso e alegre. A faltar esta grande facilidade de meneio, não vejo eu como fôra possivel desembocarem todos os annos d'esta Bahia para o reino de Portugal tantos milhares de caixas de assucar, que enchem grandiosas frotas de tanta quantidade de naus, como vemos, de toda a doçura e todo o riso do rei e do reino.

As aguas d'este grande lagamar, ou pequeno Oceano, da barra para dentro, parecem de cristal. Da nau mais alongada da praia experimentei, que olhando para o fundo das areias, vi n'elle os seixos e as conchas branquejando a modo de pedaços de prata. As margens e ribeiras de rios, de ordinario, estão galanteadas da verdura dos mangues, mui engraçados, não só por verdes, mas por aquellas singulares laçadas com que a natureza vigorosa os enredou, porque do mais alto de seus braços lançam vergonteas a beber nas aguas, e n'estas, como luxuriando, dos braços fazem pés, arreigam no fundo, criam raizes, e tornam a brotar para o alto troncos diversos e diversos ramos. Não dão estas arvores fructo algum; recompensam, porém, a falta d'elle com varios prestimos em proveito maior dos moradores; porque aquelles braços que dissemos lançam do alto a prender outra vez nas aguas, formam cada um cinco ou seis raizes antes que cheguem á vara, as quaes n'aquelle espaço que lhes chegou a agua das marés, se cobrem com tanta quantidade de ostras, umas sobre outras, que talvez é bastante um só pé d'estes para encher um cesto. Debaixo d'estas mesmas raizes se cria tanta copia de caranguejos, que sendo muitos milhares os moradores, principalmente serventes e escravos, a todos dão pasto quotidiano e gostoso só os que andam pelas margens dos rios. Com a folha d'estas arvores, pizada, se fazem os curtumes de toda a coirama do Brasil, muito mais brevemente que com o sumagre de Portugal; e com a casca pizada se dá a tinta vermelha e engraçada que tem os mesmos coiros. Dos seus troncos se fazem as melhores e mais incorruptiveis madeiras para todos os altos das casas, como são caibros, enchimentos e pilares, e vem a ser esta arvore infructifera a de maiores prestimos.

De pescado é toda esta paragem de mar e rios abundantissima; suas especies são innumeraveis, gostoso todo e sadio; nem é menor a copia de generos de marisco, regalo de ricos e fartura de gente ordinaria.

A terra é um pintado mappa, sempre verde e sempre alegre, porque conservam todo o anno a folha seus arvoredos. Na compostura da natureza, bem assombrada, levantada em oiteiros, estendida em campinas, povoada de bosques, abundante de pastos, retalhada de rios, fecunda de fontes, sempre a mesma, sempre vária; d'onde nasce que é innumeravel o gado, e todo o genero de criação abundantissimo. O torrão de ordinario é fino, maçapé, feraz e vigoroso, não só das coisas naturaes, mas das do reino. Na fruta de espinho não dá vantagem á melhor da Europa; as parreiras todos os mezes sairiam com fructo, se todos os mezes foram podadas e beneficiadas.

O sitio principal d'esta paragem é o d'aquella parte junto á barra, onde hoje avulta a cidade, prominente a toda a bahia, e d'onde a um volver d'olhos se estão vendo juntamente aquellas aguas, ilhas, praias, penedos, verdura, boqueirões, entradas e saídas, e as embarcações innumeraveis que acima dissemos. É uma das vistas que no mundo se gabam.

Os moradores nativos da terra, por natureza são liberaes, engenhosos, magnanimos e dadivosos. Seria coisa grande descer ao particular, quer de esmolas, quer de donativos gratuitos. Homem houve que dispendeu graciosamente quantia de fazenda com que poderam enriquecer quatro. Ainda vivem successores seus, que seguem a liberalidade do pae. Occasião vi, em que tirando-se uma esmola para principio de uma obra pia, se ajuntaram só na cidade trinta e dois mil cruzados; outra houve em que se ajuntaram pela cidade e reconcavo, para a fabrica de um templo, sessenta mil cruzados, dando um só morador trinta, em agradecimento dos quaes se lhe fez escriptura da fundação da capella-mór.

A região do ar é conhecidamente vital, um quasi segundo paraiso, uma perpetua primavera, onde raramente se sente excesso de frio ou de calma, d'onde andam desterradas as pestes e ramos d'ella, as doenças contagiosas; e sem esta injuria dos climas morrem os homens por seus cabaes, cheios de dias e de annos. Está na altura de 13 graus e meio entre a linha e tropico austral; e comtudo zombam seus naturaes da doutrina dos antigos philosophos, que tinham para si que era inhabitavel esta parte do mundo, que não tinha ceo, que carecia de antipodas, e outros sonhos contrarios do que nos mostra a experiencia. Faltava só que fosse tambem melhor o ceo d'esta parte, e não será temeridade affirmal-o, segundo a doutrina que temos assentado no livro segundo das *Curiosidades do Brasil*. Parece, na verdade, se poz a natureza a formar esta parte do mundo quando estava com a mão mais folgada, como lá disse Plinio da sua Campania.

. . . .

O primeiro descobridor da Bahia foi Christovão Jacques, fidalgo da casa real, aquelle de quem dissemos já no livro primeiro das *Coisas do Brasil*, que andando descobrindo e demarcando os portos d'esta

costa, veiu dar com esta bahia, até então encoberta, e entrando n'ella, por sua formosura como de paraiso, lhe poz o nome de Bahia de Todos os Santos. E indo correndo seus reconcavos, n'um a que chamam Paraguaçu, achou duas naus de francezes fazendo resgate com os indios, as quaes, pondo-se ellas em resistencia, e não querendo largar o posto que lhes não pertencia, por ser conquista do rei de Portugal, metteu no fundo com gente e fazenda — que assim obravam os capitães d'aquelle tempo em coisas do serviço de seu rei.»

Agora que já conhecemos o logar da scena que figura a nossa estampa, passemos a summarial-a.

A direcção da «Sociedade Dezeseis de Setembro», composta dos srs. — Antonio Rodrigues Correia — Manuel Joaquim Rodrigues — Domingos Soares Pereira — Manuel Pereira dos Santos Silva — José Lopes Silva Lima — Bernardino José Ferreira Rodrigues — João Luiz Fiuza e Mello — João Duarte Henrique — Bonifacio José de Barros, depois de ter feito armar pomposamente a egreja da Piedade, e levantar no meio d'ella o monumento funebre perante o qual se haviam de celebrar as exequias, convidou para os officios religiosos o rev. arcebispo da Bahia, e para assistirem, o exc. presidente da provincia e todas as corporações e pessoas notaveis, assim nacionaes como estrangeiras.

Eis-aqui a descripção da pompa com que estava armado o templo, e decorado o monumento funebre, tal como nos foi remettida da cidade da Bahia.

A egreja estava completamente cheia, não só de portuguezes, mas de brasileiros, de italianos, de todas as dignidades do paiz, ecclesiasticas civis e militares, corpo consular, communidades religiosas, magistrados, corporações scientificas e litterarias, em fim todas as classes foram tomar parte no lucto portuguez, e depositar no regio cenotaphio o *adeus* que produz a verdadeira dor, o sentimento profundo.

As tres portas do templo estavam armadas de preto, havendo na do meio esta inscripção:

GRATIDÃO
DA SOCIEDADE PORTUGUEZA DE BENEFICENCIA
DEZESEIS DE SETEMBRO

E nas duas outras portas:

PEDRO V

O interior da egreja tambem estava perfeitamente decorado. Ao entrar admirava-se logo o cenotaphio, porque se elevava até á abobada, todo elle symbolico e expressivo. Sete degraus conduziam ao primeiro plano onde estava a éça, tendo por sentinella um rei d'armas carregado de crepe. Sobre a tela que o cobria poisava uma grande coroa e um sceptro de oiro, representando os que a morte arrebatára do throno. Os lados d'esta base eram occupados pelas armas portuguezas, assentes em almofadas.

Oito columnas se erguiam sobre o primeiro plano, indicando, na ordem seguinte, e começando pela direita, as provincias do reino de Portugal: Algarve, Minho, Douro, Traz-os-Montes, Alemtejo, Beira Alta, Beira Baixa, Estremadura.

Todas estas columnas, distribuidas de modo que oitavavam o mausoléo, eram intermeiadas de tropheos d'armas, tambem cobertos de crepe, e sustentavam o segundo plano, tendo no cornijamento que o rodeava as seguintes inscripções.

Na frente:

16 DE SETEMBRO DE 1837

Como sol, que descobre em ceo nublado
A face, que occultou, resplandecente,
PEDRO QUINTO nasceu, o *muito amado*,
Monarcha e Pae da lusitana gente.

No lado direito:

15 DE NOVEMBRO DE 1853

Ao throno, onde por elle o Pae regêra
Com tanto acerto o seu querido povo,
Sóbe, e abre ao seu reino nova era,
De gloria e ditas horisonte novo.

16 DE SETEMBRO DE 1855

Id'lo do culto e popular affecto,
Cinge a coroa, que lhe é tão chara,
O joven Rei, o sublimado neto
De quem duas coroas resignára.

No lado esquerdo:

11 DE NOVEMBRO DE 1861

Param de dor, em subido transporte,
Do Tejo as aguas, do Mondego e Douro,
Vendo, tão cedo, inopinada morte
Roubar a Lysia o seu maior thesouro!

Nas extremidades do segundo plano havia quatro figuras, apresentando, em escudos funerarios, as coroas de *duque*, de *marquez*, de *conde* e de *barão*. No meio da frente d'este mesmo plano, n'uma banqueta de prata, estavam as insignias reaes, com as ordens de cavallaria, tendo de um lado o estandarte real, e do outro a bandeira portugueza. No cornijamento do plano liam-se os nomes das diversas partes do mundo, onde Portugal tem possessões: *Europa*, *Asia*, *Africa*, *Oceania*.

Outras quatro columnas se elevavam alterosamente, no meio das quaes estava collocado o retrato do augusto Soberano fallecido.

Mais quatro columnas seguiam a estas em fórma de arco, indo sustentar a grande coroa que servia de cupula ao monumento.

Aos lados dos dois primeiros planos erguiam-se grandes hastes com pendões funebres, tendo no centro, envoltas em capellas de loiro, as iniciaes P. V.

Do tecto do segundo plano caía sobre a éça um grande manto de velludo preto, todo forrado de setim, com oito pontas, cada uma das quaes ia prender das columnas que representavam as provincias de Portugal.

As paredes do templo, todas forradas de preto, bem como os altares e o chão, apesar das quinhentas luzes que o illuminavam, imprimiam um aspecto lugubre e contristador a toda a scena.

A egreja, que é de bellissima architectura, prestava-se perfeitamente á solemnidade d'esta ceremonia. Toda rodeada de columnas, representava cada uma d'ellas um bispado ou mitra de Portugal, designada n'um medalhão enluctado. Na primeira da direita lia-se: *Bragança*; na segunda *Castello-Branco*; na terceira *Aveiro*; na quarta *Braga*; na quinta *Coimbra*; na sexta *Guarda*; na setima *Angra*; na oitava *Leiria*; na nona *Funchal*. E nas do lado esquerdo, pela mesma ordem: *Vianna*; *Evora*; *Porto*; *Lisboa*; *Angola*; *Vizeu*; *Beja*; *S. Thomé*; *Portalegre*; occupando *Lisboa* e *Braga* as columnas que sustentam o arco da capella-mór. De cada medalhão pendia uma capella de suspiros, com um grande laço de fita de gorgorão roxo. Nas duas columnas das extremidades da nave direita, lia-se em medalhões eguaes: *Santarem* e *Moçambique*, e nas da nave esquerda: *Villa-Real* e *Faro*; todas com capellas eguaes ás dos outros medalhões.

De todos os arcos cruzeiros, formados em abobada sobre as columnas, caíam grandes cortinas pretas com

sanefas eguaes, ornadas de galão de prata, e por cima de cada arco cruzeiro das naves, uma tarja preta continha as iniciaes P. V. No fecho dos arcos da abobada viam-se as quinas de Portugal. Sobre os capiteis das columnas estavam arvoradas as bandeiras bicolores, que iam envoltas descançar na base das proprias hastes.

Ás 10 horas da manhã começou a missa, com excellente musica vocal e instrumental; orando o prégador imperial fr. Raymundo Nonato da Madre de Deus Pontes.

As absolvições foram lançadas pelos prelados das ordens religiosas, e a ultima pelo rev. arcebispo da diocese.

Finda a solemnidade religiosa, o sr. Amaral Tavares, como orador da *Sociedade 24 de Setembro*, recitou um discurso adequado áquella patriotica e saudosa commemoração.

Uma brigada composta de tres batalhões da guarda nacional, e um parque de artilheria, fizeram as honras militares, dando as descargas do estilo.

Tal foi, em resumo, a pomposa solemnidade com que os nossos patricios residentes na Bahia suffragaram a grande alma do muito amado rei D. Pedro V, testimunhando por este modo o patriotismo que os influe para quanto é charo e honroso á nação a que tanto se gloriam de pertencer.

CASA DE TORQUATO TASSO EM SORRENTO

Tiveram sempre os povos cultos, por logares memoraveis, aquelles onde nasceram, viveram ou morreram os seus homens illustres, todos os que lhes recordam algum successo ou feito notavel da sua historia.

A casa que a nossa gravura representa, onde, segundo a tradição de quasi tres seculos, se diz que o Tasso escrevêra a sua *Jerusalem Libertada*, é um d'esses logares memoraveis da cidade de Sorrento, patria do grande poeta napolitano.

Está esta casa n'um sitio admiravel, edificada sobre o terrasso de antiga muralha, cujos fundamentos assentam na rocha banhada pelas aguas do golpho de Napoles. Como todas as casas que a arte dos cicerones na Italia tem feito celebres, com verdade ou sem ella, a do Tasso está devoluto para poder ser mostrada, a toda a hora, aos immensos viajantes que alli accorrem, pois a primeira visita que fazem os que vão a Sorrento, é á casa do cantor de Godofredo.

Exteriormente não tem grande apparencia, porém as arcadas e galerias de muitos andares que rodeiam o pateo são de boa architectura. Os quartos não são extensos, mas a sala principal, que deita para o terrasso, tem uma vista que abrange a mais bella parte do golpho. D'alli se descobre toda a casaria dealbada de Napoles, e os zimborios esmaltados das suas egrejas; os contornos das margens, todas povoadas de habitações, e o mar coalhado de barcos e gondolas, cujas velas doiradas pelos raios do sol, tremulam brandamente sobre as ondas serenas e aniladas d'aquellas aguas.

É porém ponto de duvida entre os archeologos se esta casa foi com effeito habitada pelo Tasso. O mesmo acontece com a da calçada de Santa Anna, onde dizem que falleceu o nosso Camões, e cuja gravura publicámos a pag. 175 do volume passado, com todas as investigações que fizemos, e documentos que descobrimos a tal respeito.

Só para os cicerones de Sorrento é que não ha duvida nenhuma. Se perguntardes a qualquer, se está averiguado que alli residíra o Tasso, mui confiadamente vos responderá: *Signore si, è certo che il nostro celeberrino poeta Torquato Tasso stava in questa casa.* Depois invocará o testimunho não menos... auctorisado do guarda da casa, que vos abre a porta, e vol-a mostra, com uma lenga-lenga de explicações já decoradas, mas que muito concorrem para augmentar a receita diaria que produzem as esportulas dos visitantes estrangeiros, em proveito do senhorio, que por esta gira saca annualmente uma renda da tal casinha, maior que a de um grande palacio.

O cicerone e o guarda ajudam-se mutuamente a embaçar os forasteiros credulos, dizendo este, ao mostrar-lhes um gabinete secular, com algumas poltronas carunchosas e um bofete jarretado: *Qui scriveva le sue poesie;* acudindo logo o outro: *Si signore, qui a scritto la Gierusalemme.* Tudo isto com a mira na esportula, a que chamam, na sua linguagem, *mancia.*

Pelas guias de viajantes vemos, que não ha cidade de Italia que não tenha pelo menos um homem celebre, cujo nome sirva para especulação.

O que hoje parece averiguado é que Torquato Tasso nunca teve casa em Sorrento, nem em Napoles, nem tão pouco em Bergamo, d'onde a sua familia era originaria. Diz-se que elle esperava ganhar uma demanda, que havia intentado para reivindicar certos bens que lhe pertenciam, e com o producto d'elles comprar uma casa em Napoles, mas este desejo nunca se realisou. O destino havia-o fadado a viver nos palacios de reis e principes, n'uma prisão e no hospital. Muitas vezes procurou na solidão dos claustros o esquecimento da injustiça dos seus concidadãos; e nos ultimos dias da vida, foi tambem á religião que elle pediu as consolações e descanço que os homens lhe tinham negado. Recolhido ao convento de Santo Onofre, no monte Janiculo, em Roma, ahi, contemplando das janellas do mosteiro a antiga rainha do mundo, foi que o Tasso fechou os olhos para sempre, aos 23 de abril de 1595, com 51 annos de edade.

O FRADINHO DA MÃO FURADA

NOVELLA DIABOLICA

(Vid. pag. 18)

IV

Compadecido estava Peralta de tal scena, quando desapparecida ella, viu n'outra parte muitos demonios que estavam fazendo pellas de umas setentonas muito auctorisadas, com seus capellos, inculcando virtudes, dando vigorosos rechaços de uns para os outros, com pellas de ferro ardentes que as faziam em pedaços, e ellas com horrendas vozes gritavam que não era aquelle o agazalhado que esperavam no inferno, em premio de serem na vida almoedas e profanidades de tantas virtudes e recolhimentos, e motivo de tantos adulterios, e assim requeriam as levassem perante o senhor Lucifer para lhe pedirem justiça, que elle estava obrigado a fazer como absoluto senhor e rei do infernal imperio. Os demonios respondiam-lhes:

— Que justiça se vos ha de fazer, infames, mais que o que padeceis, que é só o que mereceis, pois os serviços que allegaes a Lucifer não foi pelo obrigardes a elle, senão por vossos particulares interesses, comendo e regalando-vos com o dinheiro que vos davam pelas recovagens que fazieis, e assim vos não deve nenhuma remuneração, pelo que justamente se vos dá o castigo que padeceis por vossas maldades, e por serdes a causa de todas as que fizestes peccar com vossas persuasões e enganos, que tambem carregam sobre vós, e assim, tapae as boccas, e sêde nossas pellas.

Desapparecida esta visão, se representou a Peralta

logo outra de muitos homens com crueis mordaças de ferro em braza na bocca. E perguntando a seu companheiro que gente era aquella, este lhe respondeu: Que eram barqueiros, almocreves, carreteiros, carniceiros, e os que por dinheiro juravam falso, que a todos, por blasphemadores, perjuros e mal intencionados, se lhes dava a pena d'aquellas mordaças.

A esta se seguia logo outra representação de grande numero de homens e mulheres, despedaçando-se com horrendos alaridos e gritarias. Perguntando Peralta ao diabinho que gente era aquella, lhe disse: Que eram os mal casados, entre os quaes havia diversidade de genios, de que procediam muitas discordias, e taes, que raras vezes se conformavam; ellas pelos trajos e appetites com que vexavam os maridos, obrigando-os a excessivas despezas, com que as suas possibilidades se não atreviam, occasionando-lhes com esta desordem amofinações e empenhos, de tal sorte que passavam a vida em continuos dissabores, pragas e motins, tambem motivados de suas perversas condições, além dos particulares desgovernos de suas casas. Elles por faltarem ás obrigações de seu estado, e terem grande descuido em suas casas, mulheres e filhos, sem a contribuição do preciso trato, doutrina e sustento, conforme suas posses e intelligencia, e por não reprimirem prudentemente os desordenados luxos e appetites de suas familias, instruindo-as em bons costumes, com seu exemplo e applicação, resultando do contrario muitas desordens; e finalmente, virem a padecer no inferno os referidos tormentos. Assim estavam em porfias, ellas dizendo:

— Você não me dava o que lhe pedia, nem obedecia aos meus preceitos, e menos se conformava com a minha vontade.

Elles dizendo:

— E você com as suas perseguições, agonias, gritarias, teimas, acintes e revindítas, movia-me a fazer o que não devia.

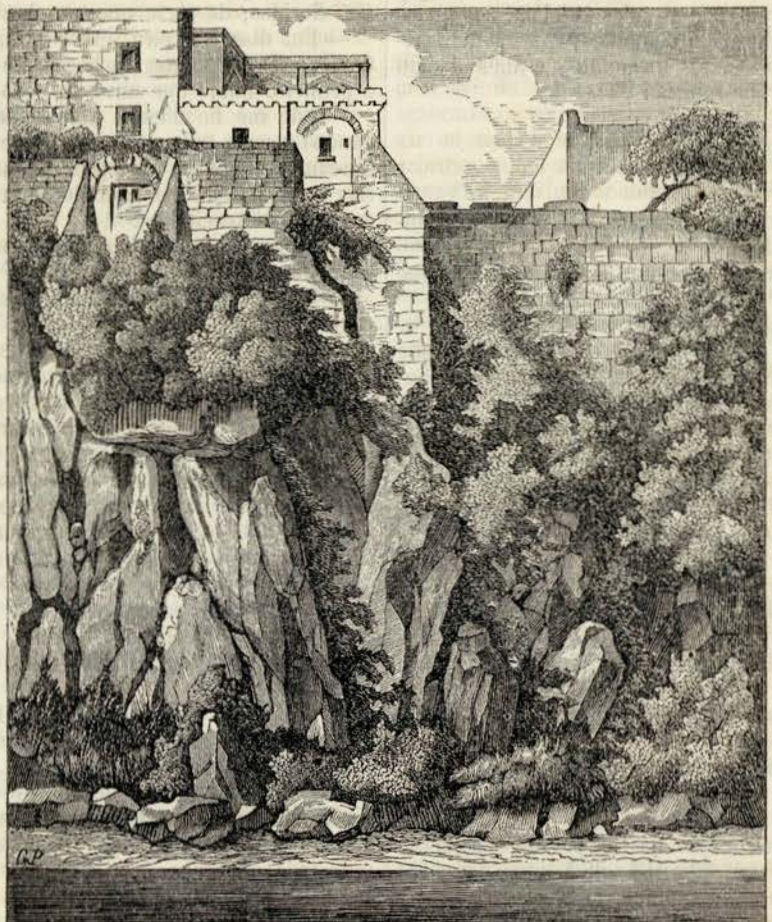
E n'estes *dize tu, direi eu*, se travaram de sorte, que saltaram ás punhadas uns nos outros, fazendo tal motim e alarido que aturdiam o inferno; as mulheres, umas assombradas clamavam: Ai que me quebrou um braço este traidor! Outras: Ai que me arranhou a cara este inimigo d'alma! Ai que me matou este ladrão! E em quanto se estavam despedaçando feitos uma braza, os demonios, que lhes assistiam, repetiam o seguinte quarteto:

Estes desconformes casados
Em depravadas vontades,
O merecido padecem
De suas desconformidades.

Acabada esta representação, olhou Peralta para um lado, e viu uma formidavel porta negra, pela qual abrindo-se de repente com grande estrondo, se via dentro um intenso fogo em profunda concavidade, e infinitas pessoas ecclesiasticas, divididas em congressos, todos com seus superiores e prelados maiores,

LOGARES MEMORAVEIS

VIII



Casa de Torquato Tasso em Sorrento

acompanhados de muitas legiões de demonios que os accommetiam ferozmente com execrandos tormentos, e tão crueis, que atemorisado Peralta disse ao fradinho, — que eram as mais insoffriveis as penas que tinha visto, e a sua maior admiração era executarem-se em pessoas d'aquella qualidade e de differente jurisdicção!

Ao que lhe respondeu o djabinho:

— Pois que cuidas? O serem grandes indagadores das vidas alheias, e as suas deslealdades, ambições, commercios illicitos, e a falta do pasto espiritual ás suas ovelhas, lhes move aquelles rigorosos tormentos por toda a eternidade. E para te dizer tudo em uma palavra, é a peior gente que ha no mundo, quando são ruins.

Acabada esta representação, viu Peralta em outra parte um rei, acompanhado de muitos homens, cujos trajos os acreditavam por grandes sujeitos, aos quaes seguia infinito numero de demonios, que os martyrisavam com rigorosissimos tormentos, e lhes diziam de palavra, como por injuria:

Penaes, desagradecidos,
No eterno fogo infernal;
Pagar na vida, tão mal,
Beneficios recebidos.

Lastimado de ver tão rigorosos tormentos, perguntou Peralta ao diabinho:

— Que rei era aquelle, e que pessoas eram as que o acompanhavam?

Respondeu-lhe:

— Que eram os ingratos, e que o rei era Saul, que depois de ser ingrato a quem da baixeza da sua humildade o levantou á dignidade real, o foi tambem a David, querendo-lhe tirar a vida por galardão de o livrar do gigante Golias, e lhe lançar o demonio do corpo com a suavidade de seu cantico e virtude das vozes da sua harpa; e que os que o acompanhavam eram os nobres que o imitaram em simillhante vicio.

Por diante fôra Peralta com a representação das visões em que estava engolphado, e acabára n'ellas de revolver o inferno, se o fradinho da mão furada, entrando pela janella do aposento, lh'o não impedíra, dizendo:

— Não durmas mais, companheiro, porque é tarde, e te póde fazer mal.

Acordou Peralta sobresaltadissimo, dizendo a seu endiabrado guia:

— Ai companheiro, deixa-me, que me tens morto; pois com a communicação da tua pessoa e presença de teu espirito, estou admirado de hontem para cá! Acabo agora de assistir a umas visiveis representações, acompanhado de ti, no inferno, e estou fóra de mim, mais morto que vivo, e quando isto foram apenas horrendissimas representações visiveis, que fará a realidade do espectaculo!

— Deixa-te d'esses assombros (respondeu o diabinho) que isso são illusões da phantasia, que o inferno não se vê senão quando se padece, que se o ceo permittíra o contrario, ninguem se condemnaria, e estariam os demonios ociosos. Para te livrar d'essa imaginação, quero-te divertir com o que passei esta tarde, depois que me apartei de ti.

Primeiramente me fui aos estudos, e sobre certos argumentos fulminei taes dissenções, que sobre ellas altercaram de modo que estiveram a pique de se matarem todos, se os religiosos da Companhia não acudissem a atalhar a pendencia, depois de bem escalavrados. Fiz jurar falso a algumas pessoas por limitados interesses; levantar a outras falsos testimunhos, e promovi taes alvoroços em toda a cidade, que bem dizia o povo — anda o diabo solto.

Fui a certo convento de religiosas fomentar discordias que já entre ellas havia sobre a eleição de nova abbadessa. Estavam divididas em dois ranchos, em cada um d'elles havia sua cabeça que motivava as dissenções; uma d'ellas inclinada a differente madre com tal paixão, que diziam umas ás outras do seu sequito:

— Manas, fulana, se não for abbadessa, não seremos nós filhas de nossos paes.

— Pois isso, respondiam outras, póde deixar de ser, tendo da nossa parte tantos votos! Pelo dia de Deus, que quando succedesse tal, e elles nos faltassem, seria n'este convento outra como a de Roncevalles.

— Eu, disse outra, lanço muito bem as favas aos pausinhos de Santo Antonio, e sempre me sae a sorte em favor do nosso intento.

— Pois eu, mana, disse est'outra, este S. João passado lancei por ella tres alcachofras, e todas me saíram floridas, de sorte que não havia mais que ver.

— Eu, disse terceira, estive no nosso mirador com uma bochecha d'agua na bocca até dar meia noite, e o primeiro nome que ouvi foi o da nossa abbadessa.

— Não me fio d'essas coisas (acudiu a cabeça do bando) porque tudo são superstições e disparates sem fundamento algum, e catholicamente se não devem crer, antes julgo por grande imprudencia e offensa de Deus o exercital-as.

Da parte do outro bando contrario dizia uma ás companheiras:

— Não ha duvida que a nossa opinião ha de prevalecer; porque eu mandei chamar certa beatinha minha conhecida, e diante de mim fez andar a peneira, como desatinada; e um devoto meu avisou-me que encommendára o negocio a certo mathematico judiciario, o qual levantára figura sobre a nossa pretenção, e lhe mandou dizer que não tinha duvida.

— Não dormamos nós sobre estas tentações (disse outra mais anciã) que d'essas coisas não faço caso nem cabedal, pelo que tem de enganosas, que os contingentes futuros só Deus os póde saber.

E fallou verdade. Que nós outros não sabemos mais que o conjural-os incertamente.

— Ai mana (replicou a freira), pois dizei-me, os astrologos não fazem os repertorios em que adivinham os tempos?

— E quando (replicou a anciã) fallaram elles verdade se não foi acaso? Não vêdes vós, que quando dizem ha de chover faz bom tempo, e pelo contrario, quando dizem, não ha de chover então chovem diluvios d'agua! Por esta razão tomam sempre resalva de suas mentiras, dizendo: *Deus super omnia*.

— Pois eu tenho feito devoção, disse outra, para esta noite tirar uma alma que me ha de vir fallar e dizer-me toda a verdade.

— Tambem d'isso me rio eu (respondeu a veterana), porque a palavra de Deus nos ensina, que quem d'esta vida vae não torna a ella. Mas quando a difficuldade, que digo, se vença, tereis vós animo para lhe fallar?

— Sim (respondeu ella), que não ha mulher deliberada e appetitosa que se intimide.

N'estas praticas as deixei. E sou eu o espirito que esta noite pelas onze horas lhe hei de ir fallar, que ella cuida ha de ser a alma passada d'esta vida, por que as devoções que ellas fazem para as tirarem, tem pacto secreto comnosco. O peior é que muitas vezes por esta via nos invocam, e quando lhes apparecemos e fallâmos, não tem valor para nos ouvir, e nos lançam de si assombradas e com palavras a que não podemos resistir, mas ellas o pagam com o que lhes custa o sobresalto.

Admirado estava Peralta de ouvir o diabinho, e quando elle mais lhe manifestava os seus poderes e as suas obras, mais ó atemorisava tal companhia, pelo que desejava livrar-se d'ella.

N'este comenos subiu ao aposento onde elle esta-

va, uma raparigota bem parecida, que na pousada havia, chamada Angela Pedrosa, que por ter ouvido pela manhã contar o dinheiro a Peralta, corria a elle como gato a bofe. Confiada na sua agradavel presença, disse a Peralta — que vinha saber o que queria se lhe fizesse para a cêa? Ao que Peralta respondeu:

— Senhora Angela, se ha lombo de porco mande-me assar um pedaço.

Replicou a moça:

— Eu mesma o assarei, e o trarei a vocemecê quando lhe vier pôr a mesa, porque desejo muito agradar-lhe e servil-o.

Peralta, por não deixar de fallar ao galanteio de soldado respondeu:

— Não errou quem lhe pôz o nome que tem, pois o acredita com a sua gentileza.

— Prouvera a Deus (respondeu Angela) que eu devesse menos á natureza, porque ella me tem desterrada da minha patria, e feito grandes males. Nasci em Arrifana de Sousa, filha de lavradores honrados; e porque estava uma noite fallando a um mancebo que me pretendia para esposa, veiu a encontrar-se com elle outro, que tambem me pretendia, e movido de ciumes lhe tirou a vida. Foi forçoso ausentar-me aquella noite com temor da justiça, e deixar os paes e patria... Por não molestar a vocemecê, lhe não refiro os successos que tive no caminho até chegar a esta pousada, onde haverá um anno que estou a servir.

N'este passo, o fradinho da mão furada, que até alli estivera calado, deu uma risada; ao que Angela escandalisada, acudiu:

— De que se ri vossa mercê, senhor fidalgo?

Respondeu-lhe o fradinho:

— Das patranhas que vocemecê nos conta, não sabendo que a conheço eu melhor que as minhas mãos. Vocemecê não é filha de um remendão chamado João Fernandes Pedroso, e por essa boa cara que a natureza lhe deu, não foi requestada por certo fidalgo, cuja familia, para evitar escandalos, a quiz metter na clausura de Terna, e vocemecê para fugir a este recolhimento não tomou as de villa Diogo, disfarçada e talvez acompanhada, até chegar a esta casa? Pois se isto é assim, como vocemecê muito bem sabe, porque se nos está encampando e vendendo por outra que não é! Cuida que chuchâmos no dedo, e não sabemos que tres e dois são cinco?

Assombrada ficou Angela de ouvir a historia verdadeira que sabia o fradinho da mão furada, fazendo-se muito vermelha, e de envergonhada não soube que lhe responder senão:

— Vocemecê é o diabo! pois tão bem sabe das vidas alheias.

— Zombando se dizem as verdades (replicou o diabinho), mas nem pelo que tenho dito, vocemecê, senhora Angela, deve perder com o senhor Peralta, porque a graça d'esses olhos, e a perfeição d'essa cara, com a disposição d'esse corpo, a fazem credora dos maiores empregos. O certo é, que pouco fizera o senhor Peralta em se obrigar de vocemecê, e acompanhal-a até Lisboa, aonde, pelo seu bom parecer, poderá ter melhor ventura.

Bem entendeu Peralta os enganos e gabos de Angela, assim como o alvitre que o diabo lhe dava de a levar comsigo, para movel-o a peccar contra o sexto mandamento; mas elle, escarmentado das visões infernaes, e do que fazia o diabinho, tinha outros pensamentos dirigidos a melhor fim. Dissimulando o luciferino intento, disse a Angela, dando-lhe cinco reales para ajuda d'uns sapatos:

—Vae dar ordem á ceia, que mais devagar fallaremos.

Ao que ella logo obedeceu, fazendo-lhe até ao chão sua mesura de mantéo, com esperança de conseguir aquelle ganho. O fradinho ficou contentissimo, parecendo-lhe que Peralta se affeiçoára de Angela, e, assim como ella, se retirou, dizendo:

— Ora já te fica ahi com que te divertires; porque esta moça me parece, te rouba os affectos.

— Estou tão sobresaltado (respondeu Peralta), depois que se me representaram os horrores do inferno, que as delicias da vida me aborrecem; e assim, pouco tem Angela que esperar de mim, e muito menos as tuas persuações á vista de tantos desenganos.

— Não te tinha por tão ignorante (replicou o diabinho), que crêsses em sonhos!

— Bem sei (tornou Peralta) que não é licito crer n'elles, mas os que representam o mal, para se temer e fugir d'elle, não são sonhos, são avisos do ceo. Se queres que sejamos amigos, ha de ser com a condição de me não tentares contra os mandamentos do meu Creador.

— Companheiro (disse o diabinho), eu, por mais teu amigo que seja, não posso deixar a natureza que professo de armar laços em que cáiam os fracos e ignorantes; vence-os tu com prudencia, que para fugir ao mau e seguir o bom foste creado com livre arbitrio, e quem mais vencer os estimulos de minhas tentações terá maior merecimento.

— Confesso que assim é (tornou Peralta), mas tambem é temeridade fiar similhantes resistencias da fraqueza humana, que quem não teme os perigos perece n'elles; pelo que te peço, como companheiro, que em quanto o formos te queiras moderar commigo nas tentações.

O diabinho, ainda que dissimuladamente, disse que assim o faria. E parecendo-lhe que da inclinação de Angela resultaria o mau fim que esperava, se despediu de Peralta, dizendo-lhe que tinha certo negocio que intentar n'aquella noite, mas ficou invisivel na pousada fazendo das suas.

(Continua)

CYSNE BRANCO E CYSNE PRETO

Da ficção dos poetas passou para o vulgo, a crença de que o cysne antes de morrer desatava uma voz melodiosa, cantando saudosamente ao despedir-se da vida.

Não lhe concedeu, porém, a natureza tal prerogativa, liberalisando-lhe tantas.

O *canto do cysne* reduz-se a um silvo aspero e forte, similhante ao que o povo chama *juramento do gato*, que essa gentil ave arranca do peito nos parocismos da morte. Durante a vida, o cysne é mudo, dando apenas alguns gritos ou sons agudos, que estão bem longe da melodia que os poetas lhe attribuiram.

Agora que já aclarámos a fabula, passemos á historia.

Todos os naturalistas se detem complacentemente na descripção do cysne, notando quantas perfeições a natureza pozera n'esta linda ave. Mas parece-nos que ainda nenhum excedeu o poetico e estilista Buffon, o inimitavel historiador do reino animal. D'elle pois tomaremos a melhor parte da descripção que fez do cysne, n'estes termos:

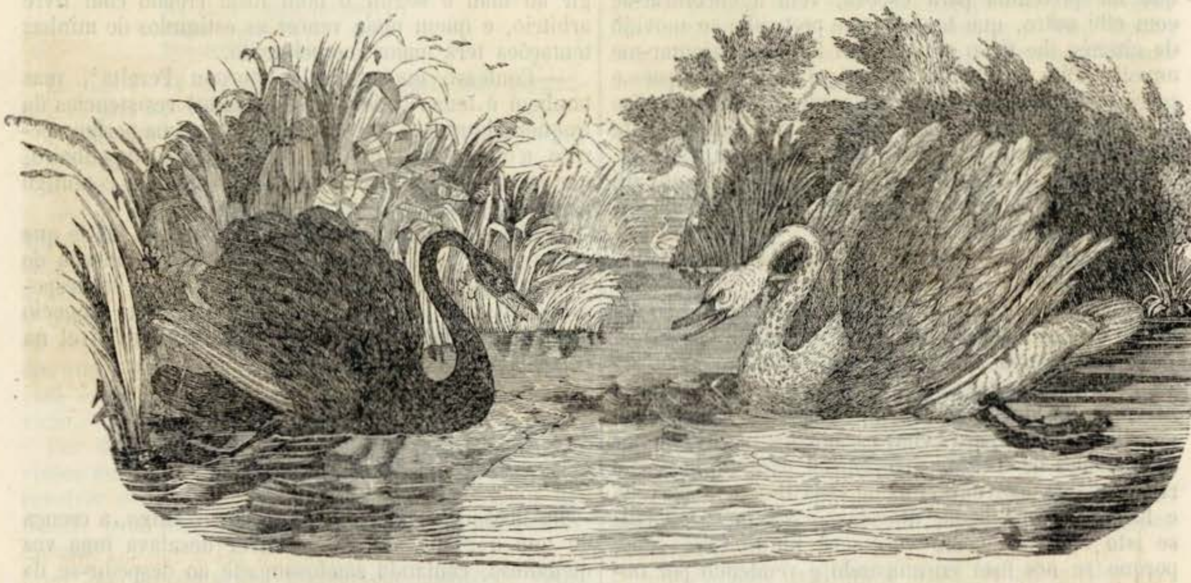
A airosidade da figura, a belleza das fórmas, a elegancia do andar, tudo n'esta ave corresponde á sua amenidade e natural brandura. Não se póde ver um cysne sem que os olhos sintam um prazer estranho e encantador. Os sitios que habita recebem d'elle vida, fragrancia e novos embellezamentos. Ganha o cysne as attenções e o amor de quantos o contemplam; todos o festejam, todos o admiram, e nenhuma especie creada merece tanto este tributo do nosso enthusiasmo, porque, na verdade, sobre nenhuma outra derramou a natureza tantas d'essas graças insinuantes

que despertam em nós a idéa da magnificencia das suas óbras mais perfeitas.

Corpo elegante; fórmas bem talhadas e ageis; contornos graciosos e regulares; alvura resplandecente e pura; movimentos flexiveis, naturaes e melindrosos; attitudes encantadoras, ora animadas e vivas, ora suaves e languidas, tudo, tudo isto causa em nós as commoções e arrebatamento que as graças e a belleza reunidas produzem, consideradas como o ideal das creações do auctor da natureza.

Tudo nos revela no cysne a ave consagrada ao Amor; tudo justifica a emblematica e attractiva mythologia, que deu esta mimosa ave por geradora da mais bella deusa, como fabularam os poetas. Pelo ar nobre e altivo, pela facilidade e franqueza dos seus movimentos sobre as aguas, devemos reconhecer o cysne, não sómente como o primeiro e mais perfeito de todos os navegantes alados, mas tambem pelo mais completo modelo que a natureza nos podia offerecer da arte de navegar. O pescoço levantado, o peito resaído e arredondado, representam, animada, a vistosa embarcação que fende as aguas; a estructura do estomago figura a quilha que as rasga; o corpo lançado por davante, para mais facilmente seguir o impulso da carreira, representa a prôa de alterosa nau; erguido e realçado na parte posterior, é a viva imagem de grandiosa pôpa. Na cauda tem o leme, nos pés estão os remos; as azas, amplas e semiabertas ao vento, são as velas que impellem o navio, e o piloto juntamente.

Soberbo com tantos dotes, vaidoso de tanta formosura, o cysne dá mostras de se vangloriar em fazer gala de todas as suas perfeições, dando-se ares e maneiras de querer os applausos e votos de todos os seus espectadores, e as attenções de todos os olhos. E na verdade, ninguem ha que lhe não fique preso e captivo, ou o veja em bandos sulcando as aguas dos grandes lagos, ou nas margens acudindo aos engodos e vozes com que o attrahem, vindo mostrar de perto, e fazer admirar, as suas graças e formosura,



Cysne branco e Cysne preto

ostentando mil bellezas, revelando mil perfeições pelos seus movimentos e meneios, esquivos, melindrosos e requebrados.

Geralmente fallando, os cysnes são mansos e pacificos. Tão aceados são como voluptuosos. Gastam quasi todo o seu tempo em se conservarem limpos, em alisarem e concertarem as suas pennas, passal-as e lustral-as, tomando agua no bico para a derramar sobre si, com tanta complacencia que bem mostram o vivo prazer que tem de agradar. Só os cuidados maternaes são capazes de interromper estes habitos.

São mui sociaveis os cysnes, quer vivam pairando nos ares, como os patos e gansos em fórma de triangulo, quer nadando nos lagos e ribeiras. N'este ultimo exercicio, o cysne é tão habil e mestre, que um homem andando ligeiro e rapido pela praia mal o póde acompanhar. Com difficuldade se levanta aos ares; porém vôa alto, e por longo tempo. Não lhe é tão facil o andar, por isso o considerâmos mais proprio e natural para a agua e para o ar, do que para a terra.

A postura da femea começa pelos fins de março, de dois em dois dias; põe seis até sete ovos assaz grandes, brancos e oblongos. Fórma o ninho ora sobre um monte de herva secca na praia, ora sobre algum molho de canas que fluctue nas aguas. A incubação dura mez e meio: os filhos nascem muito feios, e apenas cobertos de uma pennugem parda ou amarellada; só algumas semanas depois é que as pennas lhes começam a sair, conservando a mesma côr; na primeira muda é que despem este manto, ordinariamente no fim do outono; o que vestem de novo já traz á mistura muitas pennas brancas, mas só no fim de dois annos é que apparecem revestidos de plumagem branca, pura e sem mancha alguma. No fim d'este tempo é que chegam ao seu perfeito crescimento; o qual, por longo e extraordinario nas aves, indica bem a dilatação da sua vida. Por isso acreditaram alguns naturalistas que os cysnes chegavam a viver trezentos annos, mas o que hoje se sabe é que não passam de cem.

A carne do cysne não é boa para comer, embora a gabem os gulotões da antiguidade. É dura e negra; só por ostentação e vaidade a punham os romanos na mesa quando davam grandes banquetes.

Suppoz-se por muito tempo que não havia senão cysnes brancos, e por isso vemos que os poetas e naturalistas antigos lhes dão constantemente o epitheto de candido, niveo, alvo, nevado, nitido, etc. Ha comtudo cysnes pretos, porém são raros. Em Lisboa não vimos ainda senão o que tem o sr. F. Biester na sua quinta das Aguas-livres, e el-rei D. Fernando no palacio da Pena, em Cintra.

A nossa estampa desenha um cysne branco e outro preto.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.